



Programa Mandacaru Saudável - A Utilização da Radiodifusora Como Estratégia Para Ampliação do Conhecimento Popular Sobre o SUS e a USF Mandacaru VIII

Juliana Ribeiro da SILVA¹
Norma MEIRELES²
Oswaldo Meira TRIGUEIRO³

RESUMO

Este trabalho trata da produção de programa piloto intitulado Mandacaru Saudável, feito para Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Social realizado em conjunto com a equipe da Unidade de Saúde Familiar (USF) Mandacaru VIII e veiculado no Sistema E. C. Som de Comunicação, a radiodifusora de Mandacaru, em João Pessoa-PB. Logo o objeto de estudo é o programa radiofônico Mandacaru Saudável. O trabalho pretende mostrar o potencial do rádio como agente de folkcomunicação através de um programa sobre saúde, construído de maneira colaborativa na comunidade, para ela e com ela. O foco é a contribuição para o desenvolvimento da comunidade de Mandacaru, dentro da área de cobertura da USF Mandacaru VIII, através da orientação em saúde utilizando a radiodifusora como meio de comunicação comunitária.

PALAVRAS-CHAVE: Saúde; comunidade; desenvolvimento; radiodifusão comunitária.

Introdução

Esta pesquisa tem por objetivo explanar sobre o desenvolvimento de um programa piloto intitulado “Mandacaru Saudável” produzido para ser veiculado na radiodifusora do Bairro de Mandacaru.

Esse trabalho é muito necessário em comunidades carentes como o Bairro de Mandacaru que apresentam áreas de risco geográfico, de doenças epidemiológicas, pessoas analfabetas ou de baixa escolaridade, que sofrem com a falta de saneamento básico, desemprego, baixa renda e criminalidade.

¹ Graduada em Comunicação Social - habilitação em Radialismo da Universidade Federal da Paraíba, UFPB, Brasil, email: juliana_ribeiro87@hotmail.com.

² Mestre em Educação da Universidade Federal da Paraíba, UFPB; Especialista em Jornalismo Cultural da Faculdades Integradas de Patos, FIP; Graduada em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo da Universidade Federal do Piauí, UFPI, Brasil, email: norma.meireles@gmail.com.

³ Doutor em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS; Mestre em Administração Rural e Comunicação Rural da Universidade Federal Rural de Pernambuco, UFRPE; Graduado em Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco, UNICAP, email: meiratrigueiro@gmail.com.



Pensando-se em uma delimitação para esse trabalho na comunidade de Mandacaru, focando ainda em saúde, foi utilizada como parâmetro a cobertura de uma das Unidades de Saúde, já que elas mesmas desenvolvem suas atividades a partir de uma área de cobertura própria; sendo ainda a unidade de saúde escolhida pela pesquisadora a USF Mandacaru VIII.

Trata-se de uma pesquisa empregando métodos qualitativo-quantitativos através de observações participativas, entrevistas, questionários e registros audiovisuais. As análises de recepção da emissora e do programa mostram uma contribuição para o desenvolvimento da comunidade de Mandacaru no que diz respeito à orientação em saúde.

Neste trabalho de intervenção utilizamos das ferramentas encontradas dentro da própria comunidade, baseando-se na sua cultura local para fazer uma abordagem efetiva, contando com a participação popular no processo de transformação, tentando pensar como parte da comunidade para trazer bons resultados.

A utilização do espaço na radiodifusora para tratar por meio de programa radiofônico sobre temas de saúde pública, nada mais é do que fazer uso da intersectorialidade, utilizada para minimizar a falta de informação e conscientização da comunidade, buscando melhorar o vínculo entre unidade de saúde e comunidade.

O projeto teve duração de quatro meses, por esta razão foi dividido em três etapas sobre as quais discorreremos mais adiante. Após a produção de roteiro, gravação e veiculação, foi aplicado um questionário para avaliação da recepção por parte de população para que pudesse, entre outras coisas, fazer uma avaliação do trabalho e suas as potencialidades.

Comunicação, Comunidade e Saúde

Peruzzo (2006) nos diz que a comunicação comunitária é muito mais do que um tipo de mídia e sim uma manifestação de um processo comunicacional que emerge dos grupos populares.



XVI CONFERÊNCIA BRASILEIRA DOS ESTUDOS DA FOLKCOMUNICAÇÃO
“FOLKCOMUNICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO LOCAL”
Juazeiro do Norte-CE, 26 a 28 de Junho de 2013

De acordo com Góis (2008), a partir da psicologia comunitária podemos entender as ações de saúde como ações de vida, libertação e cidadania, já que a saúde comunitária deve ter estruturas de referência, mobilização e aprendizado na e da comunidade, a fim de estimular e favorecer a participação dos profissionais de saúde, das famílias e dos moradores em geral, na construção do sujeito individual e do sujeito coletivo, seja de uma rede formal ou informal de cuidado e educação em saúde.

Paiva (1998) coloca que o indivíduo possui a necessidade de pertencimento à sua comunidade e isso pode significar que é necessário o seu enraizamento no cotidiano do outro, bem como o reconhecimento de sua própria existência.

Segundo Pimenta (2010) o rádio por se tratar de um veículo de transmissão da informação, possui naturalmente um importante papel no meio social através das suas ondas eletromagnéticas, já que o conhecimento pode ser emitido de maneira mais abrangente, ainda mais por ser um meio de baixo custo financeiro e possuir elementos que o tornam o veículo de comunicação mais apropriado para transmitir a informação, enquanto que Bianco (2010, p. 22) afirma:

Estima-se que, em média, 90% da população de baixa renda, homens e mulheres de todas as idades, ouvem a programação radiofônica por cerca de três horas diárias, segundo dados da Marplan (1992).

Vale salientar que nesta pesquisa utilizamos o “rádio poste”, o sistema de som, que não se utiliza de ondas hertzianas, mas da instalação de caixas de som em postes da comunidade em questão, Mandacaru, em João Pessoa.

Devido à necessidade de algo mais atrativo para trazer ou manter a atenção do ouvinte, segundo Ferraretto (2001), por ser um meio de comunicação de massa, o rádio possui uma audiência ampla, heterogênea e anônima, por esta razão sua mensagem é definida por uma média de gosto e quando transmitida, pode ter um baixo retorno (*feedback*), embora o mesmo não ocorra com as rádios livres e comunitárias, que são capazes de modificar essa realidade através da aproximação dos papéis de emissor e receptor.



XVI CONFERÊNCIA BRASILEIRA DOS ESTUDOS DA FOLKCOMUNICAÇÃO
“FOLKCOMUNICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO LOCAL”
Juazeiro do Norte-CE, 26 a 28 de Junho de 2013

Bianco (2012) explana ainda que o sucesso do rádio pode estar ligado a sua versatilidade, já que pode ser ouvido ao mesmo tempo em que se executam outras atividades, inclusive esse consumo simultâneo ocorre principalmente entre os jovens.

Outra mudança significativa é que a audição acontece simultaneamente a outras atividades como também ao consumo de outras mídias. A pesquisa do Grupo dos Profissionais do Rádio realizada em 2009 mostra que 79% dos entrevistados dizem ouvir rádio quando estão em casa, 64% enquanto dirige automóvel, 45% durante o trabalho, 26% enquanto caminho pelas ruas e 25% fazendo exercícios. (BIANCO 2012, p. 23)

É por ser um meio de comunicação versátil que o rádio é e sempre será uma ferramenta de informação, diversão e transformação social. Como foi relatado e fundamentado anteriormente, o rádio é um meio de comunicação massivo, de baixo custo, muito utilizado por pessoas de todas as classes sociais e principalmente pelos mais jovens e pessoas de classe baixa, havendo ainda uma alta no surgimento de novas rádios comunitárias a cada dia. Isso nos leva a perceber que o rádio é um elemento fundamental nas ações relacionadas às comunidades, e de grande potencial nas ações voltadas a saúde da população.

Sem dúvida, o rádio ainda é o meio de comunicação massivo que demanda poucos recursos de produção e veiculação e, por isso, deve fazer parte das estratégias de educação e saúde. É certo que, isoladamente, o meio tem eficácia limitada em termos educativos, mas pode ser potencializado se integrado a outros instrumentos de educação não formal. (BIANCO, 2010, p. 34)

Segundo Ferraretto e Klöcker (2010) as rádios comunitárias devem representar a voz do povo no qual está inserida, deve ser um ambiente de diálogos, debates e terem uma posição diferenciada das rádios comerciais que mantém a forte presença musical em sua programação. A ideia da radiodifusão utilizada para o bem comum também é percebido em Peruzzo (2006):



XVI CONFERÊNCIA BRASILEIRA DOS ESTUDOS DA FOLKCOMUNICAÇÃO
“FOLKCOMUNICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO LOCAL”
Juazeiro do Norte-CE, 26 a 28 de Junho de 2013

De uma comunicação dirigida a pequenos grupos e centrada nos aspectos combativos dos movimentos populares, passou-se – aos poucos – a ampliar seu alcance por meio da incorporação de meios massivos, principalmente de radiodifusão, e, portanto, de novos conteúdos e linguagens” (PERUZZO, 2006, p. 4).

A autora fala de uma comunicação fixada em pequenos grupos e a partir da radiodifusão passou a ser utilizada pelos grupos populares que buscam auxílio nos meios de comunicação para massificar seus ideais, mostrando mais uma vez que o rádio é um instrumento muito importante, ainda mais num ambiente comunitário.

Rádio e emissoras comunitárias

No Brasil por volta dos anos 80, existiam muitas rádios clandestinas que não tinham permissão ou qualquer ajuda do governo e tinham como objetivo atender às próprias necessidades fosse elas educacionais, culturais, políticas etc. Mas vendo o grande desenvolvimento e até importância dessa prática é que no ano de 1998 entrou em vigor o projeto de lei que legalizou a veiculação das rádios comunitárias:

O Projeto de Lei, substitutivo aprovado pela Comissão da Ciência, Comunicação e Informática da Câmara dos Deputados, institui o Serviço de Radiodifusão Comunitária, considerado a radiodifusão sonora, em frequência modulada, operado em baixa potência (o máximo 25 watts ERP e altura do sistema irradiante não superior a 30 metros) e cobertura restrita (a comunidade de um bairro e/ou vila), outorgada a Fundações e Associações Cívicas, sem fins lucrativos, com sede na localidade de prestação do serviço. (LIRA, 2010, p.7)

Lira (2010) afirma ainda que um dos papéis mais relevantes das rádios livres na comunicação e nas relações sociais é o de abrir espaços que ofereçam uma autonomia para a sociedade, fazendo que a mesma seja não apenas consumidora, mas também produtora e emissora dos próprios conteúdos.



XVI CONFERÊNCIA BRASILEIRA DOS ESTUDOS DA FOLKCOMUNICAÇÃO
“FOLKCOMUNICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO LOCAL”
Juazeiro do Norte-CE, 26 a 28 de Junho de 2013

Alguns autores falam da importância do verdadeiro papel que uma rádio comunitária deve assumir para contribuir efetivamente com a sua comunidade, não se igualando as rádios comerciais e nem se deixando influenciar por uma única opinião. Uma emissora comunitária deve ser um espaço livre onde a comunidade pode ser expressar e para isso deve possuir algumas características:

As rádios comunitárias deveriam debater diferentes temas, respeitando sempre a diversidade cultural, e não tolerando qualquer tipo de ditadura, nem sequer a musical dos grandes estúdios de produção e gravação. Vigil (1997), em seu Manual Urgente para Radialistas Apaixonados, defende que as rádios comunitárias se definem pelas seguintes características:

- * não têm fins lucrativos;
- * a comunidade tem o controle e propriedade da rádio; e
- * a participação da comunidade é central neste processo (FERRARETTO, 2010, p. 266).

Emissoras comunitárias devem adotar uma linha de trabalho com os interesses dos ouvintes e ser um canal de busca da resolução de possíveis problemas do bairro, como é o caso do tema abordado neste trabalho. Dessa forma a equipe da Unidade de Saúde Familiar Mandacaru VIII acredita que uma parceria com a rádio difusora do bairro e outras unidades próximas, possa trazer contribuições bastante relevantes, assim como está em TRIGUEIRO (pág. 55, 2008):

Os ativistas midiáticos operam nas instituições locais e muito mais nas estruturas informais, espontâneas, em diversas situações, nos reclamos populares, para suprir as deficiências burocráticas e a prestação de serviços pelos setores públicos da maioria dos pequenos municípios brasileiros (...)

E assim se utilizando do espaço no Sistema E. C. Som de Comunicação o serviço público anseia realizar orientações através de um programa informativo aos usuários da própria unidade e da área de abrangência.



Rádio Comunitária: O Sistema E. C. Som de Comunicação no Bairro de Mandacaru.

O Sistema E. C. Som de Comunicação possui 60 caixas de som espalhadas pelo bairro, sob a responsabilidade do senhor Elias Cavalcante de Lima, que descobriu a paixão pela radiodifusão ainda na infância e nunca mais parou. O trabalho de manutenção é feito regularmente, por pessoas da própria comunidade de confiança dele. Apesar do Sistema E. C. Som de Comunicação possuir 13 anos, seu trabalho é fruto de uma radiodifusão clandestina, e, devido a dificuldades financeiras, ele ainda não possui registro da emissora, embora esteja buscando auxílios para fazê-lo.

Não restam dúvidas de que o trabalho do senhor Elias como cidadão já foi capaz de conquistar vários benefícios em prol da comunidade. A parceria entre o Sistema E. C. Som de Comunicação e a Unidade de Saúde Familiar Mandacaru VIII está justamente buscando utilizar a intersectorialidade para através de uma importante ferramenta de comunicação que é a rádio comunitária, buscar melhorias para a comunidade de Mandacaru (ver apêndice D).

A ideia principal é de que as rádios comunitárias realmente sirvam de ferramentas de modificações, embora os autores afirmem por meios de estudos que não é bem isso que acontece na realidade.

Trabalhando com a comunidade

O conceito de comunidade há tempos causa certa polêmica entre muitos autores devido a sua complexidade, segundo Góis (2008), são necessárias algumas características e dentre elas há a delimitação geográfica e territorial do espaço, laços históricos e culturais, necessidades e problemas comuns, sentimento de comunidade, entre outros.

Entendemos a comunidade como uma instância da sociedade ou da vida de um povo ou nação que a reflete com a dinâmica própria; é o



XVI CONFERÊNCIA BRASILEIRA DOS ESTUDOS DA FOLKCOMUNICAÇÃO
“FOLKCOMUNICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO LOCAL”
Juazeiro do Norte-CE, 26 a 28 de Junho de 2013

lugar de moradia, de permanência instável e duradoura, de crescimento, de orientação e de proteção da individualidade ante a natureza e a sociedade; como a sociedade que a circunda e influencia, apresenta um processo sociopsicológico próprio, cheio de contradições, antagonismos e interesses comuns, que servem de construção e orientação das ações dos moradores em relação ao próprio lugar e a sua inserção no conjunto da sociedade. (GÓIS, 2008, p. 85)

Em Góis (2008) encontramos ideias de entendimentos sobre as atividades de transformação, que poderiam levar ao desenvolvimento do morador e da própria comunidade, com a cooperação/produção e a ação política. Bravo (1983) coloca o conceito de comunidade como sendo um segmento da população agrupada em lugar ou atividade com a forma de vida similar, com necessidades e possibilidades de mudanças similares.

Partindo de tais conceitos de comunidade, podemos entender que trabalhar com a mesma pode ser bastante produtivo, principalmente se ela busca defender os seus interesses em prol de todos. É quase impossível visualizar uma intervenção da maneira da qual se espera sem pensar em uma ação que parta do princípio de se utilizar ferramentas encontradas dentro da própria comunidade, baseando-se na sua cultura local para fazer uma abordagem efetiva, contando com a participação popular no processo de transformação. Assim como afirma TRIGUEIRO (pág. 55, 2008):

No mundo globalizado, fica cada vez mais difícil estudar-se a comunicação dissociada da cultura. Nesse novo espaço e reconhece a importância dos ativistas midiáticos dos sistemas folkcomunicacionais que atuam nos movimentos participativos da cidadania, como agentes comunicadores vinculados aos movimentos culturais que utilizam estratégias, que legitimam a sua participação como cidadãos conscientes do seu papel na organização da sociedade civil.

Peruzzo (2006) também explana um pouco sobre o cidadão como agente ativo através dos meios de comunicação em busca de melhorias para o todo:



XVI CONFERÊNCIA BRASILEIRA DOS ESTUDOS DA FOLKCOMUNICAÇÃO
“FOLKCOMUNICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO LOCAL”
Juazeiro do Norte-CE, 26 a 28 de Junho de 2013

Em última instância, realiza-se o direito à comunicação na perspectiva do acesso aos canais para se comunicar. Trata-se não apenas do direito do cidadão à informação, enquanto receptor – tão presente quando se fala em grande mídia –, mas do direito ao acesso aos meios de comunicação na condição de emissor e difusor de conteúdos. E a participação ativa do cidadão, como protagonista da gestão e da emissão de conteúdos, propicia a constituição de processos educacionais, contribuindo, dessa forma, para o desenvolvimento do exercício da cidadania (PERUZZO, 2006, p.9-10).

Mas Góis (2008) diz que a participação popular é um grande desafio, e para vencê-lo é preciso superar as barreiras socioideológicas que foram levantadas durante muitos anos e que impõem relações socialmente desiguais entre os indivíduos e prática ambientais depredadoras, e para a construção de um sistema social equitativo provedor de proteção e oportunidades para todos em suas diferenças, deve-se combater às desigualdades sociais e a destruição do meio ambiente, pois elas também são questões que interferem diretamente na saúde de todos.

Góis (2008) coloca que atividades que levem a busca pela melhoria dos serviços públicos na comunidade, reivindicações por mais educação por meio das escolas, empregos, a participação sobre as prioridades da comunidade, junto à elaboração e instalação conjunta de projetos sociais e econômicos, devem ter a participação dos movimentos sociais locais.

Um morador que faz uso de sua voz e faz com que outros tomem consciência de algo e assim se mobilizam para tornar uma ação concreta, esse é um verdadeiro cidadão que contribui para o bem de sua comunidade; Góis (2008) diz que é a partir de um compartilhar de experiências, de conhecimentos e sentimentos, além de intercâmbio de ideias, que se faz uma construção coletiva do conhecimento crítico e afetivo, definindo o problema e buscando uma solução para ele.

Ainda é preciso trabalhar na participação popular, por isso deve-se e insistir conscientização da população, mostrando a sua importância no processo de modificação e melhora não só dos serviços de saúde, mas de uma mudança realizada de maneira geral.



Concepção do Programa

Devido à necessidade de ver na comunidade carente de Mandacaru o desenvolvimento de um trabalho que pudesse melhorar a mesma, surgiu o projeto “Mandacaru Saudável”. Por essas razões foram utilizadas as habilidades desenvolvidas durante o curso de Radialismo para produção de um programa piloto capaz de suprir tais necessidades.

O formato do programa foi escolhido a partir da classificação feita por Ferrareto (2001) que diz que um formato comunitário deve ter sua programação voltada para a comunidade, ao contrário das rádios comerciais que seus comunicadores têm uma grande empatia com o público, e devem sempre conversar com os ouvintes através do telefone ou dentro do próprio estúdio, explorando casos policiais, escândalos com certo ar de sensacionalismo, mesclando com músicas e mensagens de otimismo.

A veiculação do programa se fez através de uma parceria entre a Unidade de Saúde Familiar Mandacaru VIII, local onde a pesquisadora atua como agente de saúde e serve como um elo entre a USF e a comunidade, e o Sistema E. C. Som de Comunicação, a radiodifusora do bairro de Mandacaru. As pesquisas para o presente trabalho foram iniciadas na segunda quinzena de dezembro de 2012 até o final de março.

Na pré-produção do projeto foi feito um levantamento bibliográfico sobre os conceitos e assuntos tratados nesta pesquisa, além da busca por possíveis fontes capazes de contribuir tanto para a produção deste relatório quanto à produção do programa piloto.

Por ser um trabalho acadêmico feito através da parceria entre uma unidade de saúde e a rádio comunitária do bairro, foram realizadas algumas reuniões com a equipe profissional da Unidade de Saúde da Família Mandacaru VIII a fim de sentir a real necessidade e ter uma base para o conteúdo a ser veiculado no programa piloto.

Após a elaboração, orientação e correção do roteiro, a estudante de Comunicação Social, habilitação em Radialismo, Heloíse Desirrê foi convidada a fazer



parte da locução do programa e o convite foi aceito. O programa foi editado em parte no Laboratório de Rádio 1, por Martinho Medeiros, e em sua grande maioria pela pesquisadora. Foi utilizado o programa de edição de áudio *Audacity* para a criação e inclusão de vinhetas, intervalos e música de fundo.

Foram feitos pequenos cartazes para serem expostos na unidade de saúde Mandacaru VIII, a fim de chamar a atenção dos usuários para o programa que seria veiculado na rádio comunitária e pedindo sugestões para produção de programas futuros ou para própria unidade.

Após a gravação e edição do programa, o Programa Mandacaru Saudável foi veiculado no Sistema E. C. Som de Comunicação durante quatro dias, 21, 22, 25 e 27 de março, das 16h as 16h30 min. Neste período, os Agentes Comunitários de Saúde (ACSs) da USF Mandacaru VIII, auxiliavam a pesquisadora na aplicação de questionário para a verificação de recepção do programa pelos usuários da unidade em suas casas ou na própria unidade de saúde, já que possui existem duas caixas próximas à unidade e que possibilitam aos usuários ouvirem a programação e poderem assim, dar a sua opinião a respeito.

Análise da Recepção da Emissora e do Programa

Foram aplicados 51 questionários para avaliar a recepção da comunidade em relação à rádio comunitária de acordo com a realidade do bairro, pois assim como diz Trigueiro (2008 p. 107) “A recepção das mensagens dos meios de comunicação de massa passa por um conjunto de influências estabelecidas pelos vários contextos socioculturais das organizações sociais da localidade.”, consequentemente algumas particularidades locais interfiram na recepção do programa piloto “Mandacaru Saudável” veiculado no mesmo Sistema E. C. Som de comunicação.

Dentre as pessoas que participaram da pesquisa, 24% são homens e 74% são mulheres, com idade entre 19 e 68 anos. Para saber como estava a recepção em relação à rádio comunitária, foi observado que apenas 39% das pessoas não possuíam caixas de



som nos postes próximos de suas residências, enquanto 61% possuem caixas de som próximas de suas casas. Sabemos que a existência de uma caixa de som próxima das casas dos usuários não é suficiente para alcançar o objetivo esperado para esse trabalho, por isso outra questão abordada foi se as pessoas, independentemente de ter ou não uma caixa de som próxima de suas residências, ouvem ou ouviram a programação da rádio comunitária. A resposta foi de que aproximadamente 12 pessoas não ouviram, enquanto 39 pessoas ouvem ou puderam ter acesso à programação da rádio enquanto caminhavam pela rua. Entre os entrevistados 25% ouviram algo de seu interesse ou já utilizaram a rádio para fazer anúncios, reclamações, nota de falecimento, divulgar a perda ou encontro de documentos. Outros 75 % que ouviram, afirmam não terem ouvido nada de seu interesse ou utilizado os serviços da rádio comunitária.

Já em relação ao Programa Mandacaru Saudável e outros informes sobre saúde, foram identificados que apenas 14 pessoas dentre os entrevistados já tinham ouvido algo, enquanto 37 delas não ouviram informes sobre saúde na rádio comunitária. Buscando aprofundar um pouco mais a pesquisa, foi perguntado aos usuários se eles sabiam ou já tinham ouvido dizer que existiam informes sobre a unidade de saúde na programação do sistema E. C. Som de Comunicação, 20% delas deram respostas positivas e 80% não sabiam ou não tinham ouvido falar a respeito.

Para melhor especificar que tipo de conteúdo foi ouvido, para os que tiveram resposta positiva, ou seja, dentre os 20% que já ouviram algum informe, no questionário havia um espaço para relatar que tipo de informe foi ouvido.

Algumas das respostas encontradas foram: 8% ouviram algum informe relacionado à saúde e a campanhas de vacinação, 15% ouviram campanha contra a dengue e o convite para a “Prevenção na Folia”, 23% das pessoas puderam ouvir o Programa Mandacaru Saudável e 31% ouviram reclamações em relação ao horário de atendimento da USF Mandacaru VIII. Esses dados mostram que a população que tem interesse ouve o que está sendo veiculado e também utiliza a mesma como instrumento para reivindicar mudanças.



Com base nos dados aqui dispostos, podemos afirmar que a rádio comunitária é uma ferramenta muito importante no processo de mudança positivas na comunidade, fazendo com que seja uma efetiva estratégia de ampliação da prevenção e promoção da saúde. Apesar da diferença apresentada entre a população que tem acesso à rádio e as que realmente a utilizam para se informar, sabemos que a sua utilização é um elemento que pode incentivar a participação popular, tão importante para a melhoria dos serviços públicos de saúde.

Para finalizar, foi pesquisado sobre a preferência dos ouvintes interessados que opinaram a respeito do que gostariam de ouvir, podendo cada um deles optar por uma ou mais opções, o resultado aponta que 1 pessoa gostaria de anunciar o seu negócio particular na rádio para aumentar as vendas, outra pessoa gostaria de ouvir programas sobre variedades e um terceiro preferia ouvir o silêncio, demonstrando que nem todos estão abertos à comunicação, e reagindo de maneira negativa a recepção da rádio. Essa reação também pode indicar algo relacionado com a altura do som das caixas que podem incomodar, se estiver muito alto, gerando poluição sonora.

Encontramos 19 pessoas que gostariam de ouvir na programação a música como preferência, outra opção levantada por 9 pessoas foi ouvir notícias sobre o bairro de maneira geral, fossem eventos, trabalhos desenvolvidos, artistas locais; houve um empate de 8 pessoas em relação a programas religiosos e informes sobre a unidade de saúde, enquanto algo em torno de 10 pessoas não sabia responder o que gostaria de ouvir na programação da radiodifusora.

Esses foram dados feitos a partir de uma amostra de 51 pessoas durante duas semanas.

Considerações Finais

Tendo em vista que o principal objetivo do trabalho que foi a produção de um programa piloto de rádio para ser veiculado na radiodifusora do bairro de Mandacaru, sobre prevenção e promoção da saúde, o SUS e as atribuições e competência da atenção básica de saúde, pode-se afirmar que foi executado como o planejado.



XVI CONFERÊNCIA BRASILEIRA DOS ESTUDOS DA FOLKCOMUNICAÇÃO
“FOLKCOMUNICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO LOCAL”
Juazeiro do Norte-CE, 26 a 28 de Junho de 2013

Em relação aos objetivos específicos, podemos dizer que o programa piloto serviu como um verdadeiro exercício, já que a produção do roteiro, produção e edição do programa, proporcionaram a construção a partir do conhecimento adquirido ao longo do curso de Radialismo da Universidade Federal da Paraíba, ainda mais como uma ferramenta em favor da comunidade em que vive a pesquisadora.

O programa serviu como oportunidade para que a comunidade possa perceber que os serviços de atenção básica também possuem a sua importância em relação ao desenvolvimento da comunidade de uma forma geral e a ampliação das formas de prevenção e promoção da saúde, levadas através das ondas do rádio.

Isso proporcionou uma visualização diferenciada da população, constatadas durante o dia a dia de trabalho na USF Mandacaru VIII, onde foi observada uma maior conscientização sobre o atendimento, também percebidas através dos questionários aplicados a fim de interagir e avaliar grau de recepção do programa pela comunidade.

Este projeto se mostrou como uma contribuição para o desenvolvimento da comunidade de Mandacaru, tendo como foco de trabalho na área de cobertura da USF Mandacaru VIII, através da orientação em saúde, minimizando a falta de informação e conscientização, melhorando ainda o vínculo entre a USF Mandacaru VIII e a comunidade. Este trabalho contribuiu para a disposição do espaço na rádio comunitária, que será utilizada com mais frequência e despertou o interesse das USFs próximas, que pretendem contribuir com a produção de programas futuros.

Referências

BIANCO, Nélia Del. Rádio a serviço da comunidade. **Comunicação & Educação**. v. 6, n.18, maio/ago. 2000. São Paulo: USP. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/view/4461/4183>. Acesso em: 21 fev. 2013.

_____. **O Rádio Brasileiro na Era da Convergência** (org). São Paulo: INTERCOM, 2012. (Coleção GP'S: grupos de pesquisa; vol. 5)

BRAVO, Luiz. **Trabalhando com a comunidade**. 3ed. Rio de Janeiro: Anaconda Cultural Edições LTDA, 1983.



XVI CONFERÊNCIA BRASILEIRA DOS ESTUDOS DA FOLKCOMUNICAÇÃO
“FOLKCOMUNICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO LOCAL”
Juazeiro do Norte-CE, 26 a 28 de Junho de 2013

FERRARETTO, Luiz Arthur; KLÖCKNER, Luciano. **E o rádio?** : novos horizontes midiáticos. Porto Alegre: Edipucrs, 2010. (Ebook)

FERRARETTO, Luiz Arthur, 1965 – **Radio: o veículo, a história e a técnica**/ Luiz Arthur Ferraretto. – Editora Sagra Luzzatto: Porto Alegre, 2001.

GÓIS, Cezar Wagner de Lima. **Saúde Comunitária – Pensar e Fazer**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

LIRA, Bertrand. **Manual de Redação para Rádio e TV**/ Bertrand Lira. João Pessoa: UFPB, 2010.

_____. Bertrand. **No ar: as pequenas notáveis! A experiência de rádios livres no Brasil**/ [pdf] Bertrand Lira. João Pessoa: Marcas da Fantasia, 2011.

Mandacaru (João Pessoa). In: **WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre**. Flórida: Wikimedia Foundation, 2012. Disponível em: [<http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Mandacaru_\(Jo%C3%A3o_Pessoa\)&oldid=31555564>](http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Mandacaru_(Jo%C3%A3o_Pessoa)&oldid=31555564). Acesso em: 7 de jan. 2013.

PAIVA, Raquel. **O espírito Comum: comunidade, mídia e globalismo**. Petrópolis, Vozes, 1998.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Revisitando os Conceitos de Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB – 6 a 9 de setembro de 2006.

PIMENTA, R. M. **Programa de Rádio - Documentário: Conhecendo a Intercampus**. João Pessoa – PB, UFPB, 2010.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **Folkcomunicação & Ativismo Midiático**/ Osvaldo Meira Trigueiro. – João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008.